

O PAÍS

ACM: suspensa a lua-de-mel com FH

Senador recebe telefonema do presidente mas diz que relação mudou, apesar de apoiá-lo

Roberto Stuckert Filho



O PRESIDENTE DO SENADO, Antônio Carlos Magalhães: "Para a relação pessoal voltar a ser uma lua-de-mel, falta carinho"

Rudolfo Lago e Cristiane Jungblut

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou ontem para o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), tentando amenizar as informações de que estava irritado com a aproximação entre o senador e o presidente do PPB, Paulo Maluf. Mas o presidente do Senado não pôs panos quentes numa entrevista ontem à tarde em seu gabinete. Admitiu que as relações pessoais entre ele e o presidente não são mais uma lua-de-mel. Disse que a imprensa e os tucanos estão dando importância exagerada ao fato de ele ter aparecido ao lado de Maluf, no plenário da Câmara, festejando a vitória na votação da reforma administrativa, quarta-feira. Mas não descartou as suspeitas de que, no futuro, essa união venha a ter importância política. Os tucanos temem que ela evolua para uma aliança eleitoral em 1998, caso a crise econômica abale o real.

— Aquela foto (com Maluf na Câmara) vai ter o seu efeito político na hora própria. Por enquanto, no entanto, Antônio Carlos está firme no apoio a Fernando Henrique Cardoso. Reclama apenas carinho. A relação política com o presidente, que é a que importa, está muito boa. Mas para a relação pessoal voltar a ser uma lua-de-mel, falta carinho — disse o senador.

Ele não abre mão de sua firme posição contra o aumento do Imposto de Renda e da simpatia pela tese de diminuir os cortes de incentivos para a Zona Franca de Manaus. Esses gestos, e a aproximação com Maluf, têm sido enumerados pelos tucanos como o motivo para as desconfiças do presidente de que Antônio Carlos esteja preparando alternativas eleitorais para o PFL. Os tucanos também detectaram outro indicio de que o presidente do Senado e Maluf passaram a atuar juntos. Eles afirmam que Antônio Carlos está trabalhando pela aprovação de uma autorização do Senado de rolagem da dívida da Prefeitura de São Paulo, ao mesmo tempo em que aliados do senador pressionam o Governo para liberar o empréstimo assim que ele for autorizado. O senador Gilberto Miranda (PFL-AM), um dos principais cabos eleitorais de Antônio Carlos na eleição para a presidência da Casa, já assumiu a relatoria da rolagem da dívida da Prefeitura.

Para Antônio Carlos, o presidente está sendo vítima de intrigas e ciúmes do PSDB e de exageros da imprensa:

— Quem sabe não é a conjunção desses dois fatores que está me afastando do presidente?

Ele considera que o seu afastamento do presidente ajuda a descomprometê-lo com as medidas mais duras do pacote de ajuste fiscal.

— Os críticos assim vêem que eu não tenho tanto poder assim com ele. E vêem que as medidas que não aceito, não considero certas, não são minhas, são

do presidente — afirmou o senador.

Segundo Antônio Carlos, Maluf não precisou da sua ajuda para ir ao Planalto ou negociar com o Governo assuntos do seu interesse. Para o senador, quando políticos do PSDB afirmam isso querem apenas fazer intriga.

— Não acredito que o (Mário) Covas (governador de São Paulo), que é inteligente, acredite que Maluf chegou ao Palácio por meu intermédio. Quem tem essa chave não sou eu. Somente os amadores podem pensar isso. Jamais levei Maluf. Não devo levá-lo. Mas não creio que o presidente leve essas intrigas muito a sério. O presidente está numa idade em que não deve aceitar intriga — afirmou o senador.

Para ele, o presidente não pode querer escolher seus aliados em um momento como este, de crise econômica. Precisa só ver quem está ajudando o país e reconhecer isso.

— Se ele não compreender, então o erro é dele — fulminou.

Segundo Antônio Carlos, o presidente lhe telefonou ontem logo de manhã. Queria agradecer-lhe pela presteza do Congresso no tratamento das medidas do pacote e nas votações da reforma constitucional. Os agradecimentos estenderam-se também ao presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP).

Antônio Carlos, no entanto, não assistiu à sanção do Sistema Financeiro Imobiliário. Se o presidente, segundo o senador, fizesse novas críticas que pudessem ser interpretadas como alguma coisa contra ele, Antônio Carlos seria obrigado a se retirar imediatamente.

— Preferi não comparecer. E o comparecimento deveria ter acontecido, porque a lei saiu daqui bem melhor do que entrou — disse.

"O que não for do interesse do país, eu também não vou ajudar a aprovar"

Segundo Antônio Carlos, para ajudar a resolver os problemas do país, ele e o presidente não precisam necessariamente ser amigos:

— Tudo aquilo que interessa para o país não implica relacionamento meu com o presidente. Agora, o que não for do interesse do país, eu também não vou ajudar a aprovar.

O aumento do Imposto de Renda, previsto no pacote, não passará no Congresso se depender dele. Antônio Carlos acredita que, mesmo derrotado, Fernando Henrique aceitará a retirada do aumento do IR do pacote. E isso não deverá gerar problema na base de sustentação do Governo.

— Vivemos num país democrático.

Ele não gostou das críticas que Fernando Henrique fez ao papel das oposições. Para ele, o presidente deveria ter evitado criticar a oposição.

Perguntado se pretende ser presidente, Antônio Carlos respondeu:

— Isso é maluquice. ■

• A ESTRATÉGIA DO GOVERNO PARA APROVAR A ESTABILIDADE, na página 4